

ALONSO, Mariângela. **Instantes Líricos de revelação: a narrativa poética em Clarice Lispector.** São Paulo: Annablume. 2013. 154 p.

## IRRADIAÇÕES LÍRICAS EM CLARICE LISPECTOR

Rodrigo da Costa Araujo<sup>1</sup>

“Todo momento de achar é um perder-se a si próprio”  
(LISPECTOR, Clarice. 1997, p. 13)

*Instantes líricos de revelação: a narrativa poética em Clarice Lispector* (2013), de Mariângela Alonso, lançado recentemente pela editora Annablume, levanta como possibilidade de leitura da obra de Clarice

---

<sup>1</sup> Rodrigo da Costa Araujo é professor de Literatura Infantojuvenil e Teoria da Literatura na FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé, Mestre em Ciência da Arte (2008-UFF) e Doutorando em Literatura Comparada [UFF]. Ex-Coordenador Pedagógico do Curso de Letras, da FAFIMA, pesquisador do Grupo Estéticas de Fim de Século, da Linha de Pesquisa em Estudos Semiológicos: Leitura, Texto e Transdisciplinaridade da UFRJ/ CNPq e do Grupo Literatura e outras artes, da UFF/ CNPq. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces, Leituras em Educação* (Opção 2011), *Saberes Plurais: Educação, Leitura & Escola e Literatura infantojuvenil: diabruras, imaginação e deleite.* (Opção-2012) E-mail: rodricoara@uol.com.br

e a proximidade ou fricção de fronteiras da poesia com a prosa. Fundindo essas técnicas, a leitura recai sobre o romance *A Paixão Segundo G.H.* recorrendo ao conceito de narrativa poética e vislumbrando uma análise do espaço ficcional e sua funcionalidade que cruza os diferentes lugares em que a manifestação do lirismo ganha corporeidade.

Nessa leitura ensaística, a narrativa poética, segundo Mariângela Alonso, constitui-se em um gênero híbrido ao aproximar-se do poema em diversos aspectos. As fricções com a poesia se dão principalmente pela presença de sonoridade, ritmos e metáforas, além do recurso da repetição. Também pelo recurso do mito, que é polissêmico e instaura o movimento do eterno retorno, ou seja, uma travessia simbólica e ontológica, vivida pela protagonista, no desejo de conhecer-se.

Além dessas aproximações, a leitura reforça que o poético apresenta-se em todos os níveis, desde a linguagem, marcada por traços específicos, até as referências de tempo e espaço, na medida em que ganham multiplicidade de sentidos. A obra é dividida em seis capítulos que acompanham os momentos vividos pela protagonista em seu apartamento e as análises e descrições do romance baseadas na teoria da narrativa poética, postulada por Jean-Yves Tadié (1978) e Ralph Freedman (1963).

No primeiro capítulo, intitulado “Vozes da crítica- coágulos líricos” - discutem-se a obra da escritora e sua recepção crítica. Chamam-se, para esta leitura, vozes representativas da crítica brasileira e internacional da obra de Clarice, desde o primeiro romance *Perto do Coração Selvagem*, a presença de aspectos líricos. Para tal proposta, retomam-se vários ensaios críticos para se promoverem uma discussão de modo a alcançar a narrativa *A Paixão segundo G.H.* e o recorte escolhido.

O segundo e terceiro capítulos percorrem as pegadas de *G.H.* em torno de seu apartamento, de modo a apreender a atmosfera lírica, na constante busca de um sentido para a existência, na medida em que a protagonista se auto-reflete nas imagens de sua casa. Ao

buscar essas imagens e as revelações discutem-se a caracterização de *G.H.* e o substrato mítico presente na narrativa de Clarice Lispector, analisando o papel do mito na medida em que instaura o movimento do retorno e a travessia pela personagem, no desejo de conhecer-se. Essas são as discussões dos quarto e quinto capítulos, intitulados de “A personagem - revelações de uma persona” e “Substrato mítico”.

O sexto capítulo - “A linguagem em crise- o silêncio” - procura refletir a respeito da linguagem clariceana e seu ponto de crise, sem desconsiderar o discurso da personagem *G.H.* e seu consequente silêncio, ato que perpassa toda a obra, mas que atinge no final seu momento de crise.

As narrativas poéticas, diferentemente das narrativas realistas, trazem como tema central, questões inerentes à condição humana. A leitura de Mariângela Alonso busca, mapeia e confirma, justamente, a trajetória desse aspecto existencial, aproximando-a das narrativas míticas, na medida em que recria o mundo de símbolos.

A leitura crítica-analítica, feita por Mariângela, questiona, nesse viés, os paradigmas da narrativa tradicional, a partir da ficção clariceana, que articula e funde as relações entre as linguagens da prosa e da poesia, num hibridismo de gêneros. O recorte desconstrói os elementos da narrativa, em prol do lirismo manifestado em diversos aspectos, feito de instabilidade; ou seja, o lirismo como princípio construtor do ritmo; e a imagem poética, ou seja, a palavra levada ao grau zero.

Essas questões foram discutidas nos capítulos que compõem a obra, configurando, de forma ampla, o processo dialógico-discursivo da personagem no romance moderno, os recursos de construção do ritmo e a pluralidade da imagem, analisados pelo viés da palavra esvaziada de significados e pelos recursos da poesia. Reforça-se, além disso, que os percursos da personagem, vinculados ao espaço da narrativa, integram-se pelo emprego de imagens metafóricas vinculadas à palavra polissêmica.

Diante desses instantes líricos, a protagonista assume um percurso, no qual o tempo exterior não é relevante, uma vez que o interesse recai sobre o tempo interiorizado, com suas angústias e seus gestos. Por sua vez, nesse recorte, o espaço é caracterizado, principalmente, por imagens, contando com a representação de lugares específicos e simbólicos. Nestes cenários e numa revelação, por muitas vezes estreita com a personagem, a imagem da casa suscita a própria subjetividade do homem. Imerso nesses espaços míticos, o lirismo narrativo propõe uma reflexão a cerca da condição humana.

De certo modo, Mariângela, através das palavras de Benedito Nunes, reforça a leitura da ritualização de uma vertigem, como “misticismo da escrita” - embate verbal com a experiência vivida, e, nesse sentido, tentativa para narrar o que não é narrável. *A Paixão Segundo G H. e a pesquisa* de Mariângela trazem a efervescência desse momento de elaboração, concentrado no esforço poético da linguagem para dizer o indizível, que o momento da composição calcinaria. Como também, propõe a escritora, quando diz:

“Eu tenho à medida que designo - e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la - e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que insistentemente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas - volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu” (LISPECTOR, 1997, p. 113).

Nessa auto-revelação e no gesto de “perder-se” que o texto maior de Clarice Lispector parece fazer de sua própria gênese, a falha da construção - vitória e fracasso da linguagem - subsistiria como fragmento.

A análise dos “instantes líricos” de Clarice, feita por Mariângela Alonso define o terreno em que, fortes, se movem a poesia nas ficções da escritora de *Perto do coração selvagem*. Será por essa forma e por essa via que o leitor passará, quase imperceptivelmente, do roteiro que lhe é oferecido ao labirinto. Da explicação à vivência. Pois o livro constitui-se daquilo que Mariângela encontra em *G.H.*: entradas e saídas; leva-nos à ciência de que nem tudo é luz e água. De que é preciso buscar a poesia na prosa. E seguir a leitura, alguma viagem.

## REFERÊNCIAS

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Edição crítica. Benedito Nunes (coordenador). Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, São José da Costa Rica, Santiago de Chile: ALLCA XX. 1997.

